"Befehlerles" *versus* "Comandantinhos"
Comentários dos revisores da tradução

Luciane *Leipnitz* [1]

A revisão da tradução aqui apresentada, desenvolvida como projeto independente e voluntário, em trabalho conjunto de estudantes e professores da Universidade Federal da Paraíba, constituiu-se em oportunidade ímpar de aprendizagem bilateral. Por um lado, contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento da competência linguística na língua alemã. Por outro lado, serviu-nos para enfatizar ainda mais da importância do tradutor na posição também de revisor desse texto traduzido, que deve ser fluente, coeso e coerente com a língua e a cultura alvo, no caso o português do Brasil.

Como parte do corpo discente e docente do Curso de Bacharelado em Tradução da UFPB, somos preparados no dia a dia em sala de aula, em disciplinas teóricas e práticas, para o desenvolvimento de nossa competência tradutória. E, da mesma forma que precisamos esclarecer constantemente os questionamentos sobre a necessidade dessa formação específica, estamos cientes que nossa aprendizagem vai muito além do desenvolvimento da competência linguística na língua de partida.

Nossa formação nos habilita também ao trabalho como revisores de textos traduzidos, e essa atividade, apesar de ser, em geral, menos valorizada em relação ao trabalho do tradutor, mostra na prática a dimensão de sua importância. Como revisores não nos caberia voltar ao texto de partida. Mas como não fazê-lo, quando nos deparamos com segmentos nos quais não conseguimos "desfazer os nós" sem voltar à fonte para repensar o redizer? Responsáveis por um texto fluente, normatizado de acordo com os regramentos da língua de chegada, cotextual- e contextualmente adequado, são necessárias também ao revisor as competências que se imprimem ao tradutor.

Dessa forma, como revisores dessa tradução e tradutores em formação, precisamos sim da competência na língua alemã para "destrincharmos" estruturas linguísticas tão distintas das de nossa língua materna. Precisamos sim conhecer os diferentes casos da língua alemã – nominativo, acusativo, dativo e genitivo, para entender segmentos textuais tão

[1] Luciane Leipnitz, professora do Bacharelado em Tradução da UFPB, orientou a revisão da tradução realizada pelo Prof. Sergio Luis Persch. A comissão de revisores foi composta por Munich Graf di Monti Ferreira e Tamara Luiza Belmont (graduandas do Bacharelado em Tradução/UFPB), e Allan Vyctor Araujo Xavier (mestrando em Filosofia/UFPB).

diversos e emaranhados. Seria como a montagem de um quebra-cabeça, daqueles com um infinito número de peças tão parecidas, mas que se distinguem na sua especificidade e tem um lugar determinado para o encaixe. A título de exemplo, podemos citar a necessidade de adequação à estrutura frasal do português com a fragmentação em segmentos menores das anteposições adjetivais típicas da língua alemã, como se pode observar no fragmento "Por detrás das portas da prefeitura, escuras e misteriosas [...]" (*Hinter der geheimnisvollen braunen Haustüre des Schultheißen [...]*). Cabe salientar que, neste fragmento, também optamos por substituir a cor marrom/castanho (*braun*) por escuro (uma generalização), que entendemos causar o efeito pretendido pelo autor.

Some-se a essa competência na língua de partida (língua alemã) a competência linguística na língua de chegada (português brasileiro), em sua variedade mais ampla, mais geral, que não carregue marcas de regionalismos ou jeitos de dizer que não contemplem o todo do falar de um país que é continental. Com relação a essa variedade nacional, para além de falares regionais, podemos citar a substituição da forma de tratamento *tu* por *você.* Apesar de termos os dois registros no uso do português do Brasil, pode-se dizer que a forma de terceira pessoa do singular é a mais frequente, mais usual e menos marcada. Já a escolha de *vocês* em lugar de *vós* pretende mostrar uma língua mais contemporânea, que, diferente de registros de séculos passados, utiliza com menor frequência a segunda pessoa do plural em situações formais e de distanciamento hierárquico, o que pode ser feito com o uso de vocês e formas de tratamento como senhor, senhor prefeito, senhor corregedor. Também merece ser referida, ao tratamos do conhecimento linguístico na língua de chegada, a substituição lexical realizada no verso cantarolado pelas crianças no conto, mantendo as rimas e, consequentemente, o ritmo no texto de chegada, e imprimindo a esse novo texto a imagem de uma brincadeira infantil, nas vozes das crianças de um pequeno povoado alemão do século XIX.

Essas duas competências, ou subcompetências de acordo com Albir (2007) e as pesquisas do grupo PACTE (2003, 2008), são importantes como ponto de partida do trabalho do tradutor e do revisor de textos traduzidos, mas a elas estão associadas às subcompetências extralínguística, estratégica, instrumental e de conhecimentos em tradução, além de outros componentes psicofisiológicos que fazem parte desse processo tradutório e que, com certeza, também estão presentes no processo de revisão da tradução.

Foram os conhecimentos adquiridos na formação em tradução, relacionados ao desenvolvimento dessas subcompetências, que nos levaram a utilizar outras fontes, que

fizeram com que consultássemos materiais informativos sobre a vida e a obra de Berthold Auerbach, que nos levaram aos *Contos de Aldeia da Floresta Negra* (*Schwarzwälder Dorfgeschichten*, 1982), ao arcabouço teórico produzido por Spinoza e à intertextualidade existente entre os dois autores, entre a filosofia, a tradução e a literatura produzida no século XIX.

Esses conhecimentos nos levaram, por exemplo, a adotar, como revisores, o "método tradutório" (ALBIR, 2007) de manutenção dos nomes próprios escolhidos por Auerbach. Contrariamos, assim, o que inicialmente havia sugerido o tradutor, e estamos cientes de que essa tradução pode ser, às vezes, necessária em determinados contextos, tendo em vista o caráter de transferência linguística e cultural que nomes próprios comportam (NORD, 2003). Apesar de compreendermos também a dificuldade fônica, que talvez possa surgir por parte do leitor de língua portuguesa para alguns dos nomes das personagens do conto, mantivemo-nos aqui "fieis" sim à localidade sócio-histórica e cultural da aldeia alemã do século XIX, à ficcionalidade impressa por Auerbach a essas personagens e à impossibilidade de resgate da motivação que o autor tenha buscado imprimir a esses nomes. Com relação a uma provável motivação, podemos citar o nome do corregedor *Rellings*, que nos levou a profundas discussões e intermináveis pesquisas e consultas durante o processo de revisão do texto, cuja escolha lexical pareceu-nos estar, de alguma forma, relacionada ao uso do advérbio "*hellings*" (às escuras), fato que julgamos merecedor de nota explicativa.

Foram conhecimentos extralinguísticos que levaram à adequação de expressões idiomáticas, à adaptação de terminologias jurídicas ao contexto de chegada, ao entendimento de relações hierárquicas em esferas administrativas em ambitos sócio-históricos e políticos tão distintos – Alemanha do século XIX e Brasil do século XXI. Como exemplos no texto, temos as expressões idiomáticas do fragmento "Agora a porca torce o rabo [...] ele acertou na mosca [...] esse daí não leva desaforo pra casa!" (*Jetzt kann er's sieden oder braten* [...] *dem ist's gut von der Haue gefallen* [...] *der hat das Maul nicht in der Tasch*!).

A utilização de fontes de consulta adequadas e de ferramentas de busca eficientes ao par de línguas envolvido no processo nos deram autonomia para refazer segmentos, buscando produzir um texto com a cor local da língua de chegada, inserido num ambiente leitor contemporâneo, mas sem descaracterizar a localidade do texto de partida (SCHLEIERMACHER, 1813 *apud* HEIDERMANN, 2010), num jogo entre a domesticação e a estrangeirização (VENUTI, 1995), entre a equivalência formal e a equivalência dinâmica (NIDA, 1964 *apud* VENUTI, 2012). Dicionários eletrônicos atualizados, que varrem a web

como corpus e apresentam as línguas em seu uso real, aos quais se somam materiais antigos já digitalizados e disponíveis na língua alemã e nos dialetos que a formaram, nos levaram a propor modificações no texto traduzido, buscando uma fluência que não o apresente com uma estrutura que identifica marcas da língua fonte, mas que leve o leitor ao deleite do conteúdo por ele vinculado, a um mergulho num ambiente de costumes tão distintos, de pequenas aldeias e grupos de agricultores no sul da Alemanha no século XIX, onde se falavam dialetos e se viviam tradições tão peculiares. Poderíamos citar aqui da dificuldade de encontrar o equivalente adequado ao termo *Schultheiß*, que, modernamente, corresponderia ao *Bürgermeister* (prefeito), mas cuja personagem, no conto, também parece desempenhar o papel de oficial de justiça, fato que encontra explicação na dimensão da aldeia de agricultores, na qual um "prefeito" deveria acumular encargos e responsabilidades jurídico-administrativas. Embora tenhamos consciência da não existência do cargo de prefeito em uma aldeia da região da Floresta Negra no sul da Alemanha na época, julgamos, em discussões no grupo de revisores e com o tradutor, em consultas recorrentes a dicionários, glossários e enciclopédias eletrônicas, que, agora considerando o texto e o leitor de chegada, deveríamos adaptar o termo à realidade atual e local, de modo a não comprometer a compreensão leitora, tendo em vista a importância da personagem na trama das duas pequenas histórias de aldeia de que trata o conto. Seguindo a mesma decisão e lógica hierárquico-administrativa, *Gemeinderäte* (conselheiros comunitários) foi traduzido por "vereadores".

Faz-se necessário também referir as notas de rodapé inseridas no texto traduzido por sugestão dos revisores, de modo a esclarecer ao leitor sobre costumes e tradições alemãs, além de localizá-lo geográfica, política e temporalmente. Tais inserções, sabemos, são consideradas por alguns críticos como presença do tradutor, podendo ferir a tão polêmica "invisibilidade" (VENUTI, 1995). Porém, decidimos, como revisores conscientes da autonomia também necessária ao tradutor, que se faziam necessárias, tendo em vista aspectos sócio-históricos e culturais que distanciam sobremaneira os dois textos.

Os conhecimentos que adquirimos ao longo de nossa formação como tradutores sobre a profissão nos fazem revisores ainda mais responsáveis pela produção de um texto final de qualidade. E foi a subcompetência estratégica que nos capacitou ao gerenciamento de todo o processo de revisão, num trabalho de equipe e utilizando, de forma coordenada, todas as outras subcompetências, tão necessárias para a produção de um texto traduzido fluente e adequado à língua e à cultura de chegada. Os exemplos aqui apresentados

correspondem apenas a uma pequena parte do trabalho de revisão desenvolvido, o qual servirá como objeto de pesquisa para a produção de material a ser utilizado na formação em Tradução.

Referências:

ALBIR, Amparo Hurtado. **Traducción y Traductología. Introducción a la traductología**. Madrid: Cátedra, 2007.

NIDA, Eugene. Principles of correspondence (1964). In: VENUTI, L. (Ed.). **The Translation Studies Reader.** 3.ed. New York: Routledge, 2012, p. 141-155.

NORD, C. Proper names in translations for children: Alice in wonderland as a case in point. In: **Meta**. v. 48, n. 1-2, 2003, p.182-196. Disponível em: http://www.erudit.org/revue/meta/2003/v48/n1-2/006966ar.html. Acesso em: setembro de 2016.

PACTE. Building a translation competence model. In: ALVES, Fabio (Ed.). **Triangulating Translation: Perspectives in process oriented research**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003. p. 43-66.

_____. First Results of a Translation Competence Experiment: 'Knowledge of Translation' and 'Efficacy of the Translation Process'. In: KEARNS, John (Ed.). **Translator and Interpreter Training: Issues, Methods and Debates**. London: Continuum International Publishing Group, 2008. p. 104-126.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braida. In: HEIDERMANN, Werner. (Org.) **Clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução. v.1, 2.ed.rev.ampl., 2010. Antologia Bilíngue: Alemão-Português. p.38-101.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**. London: Routledge, 1995.